

O FUTURO NÃO É ASSÍRIO

Isaías, filho de Amós, orou ao Senhor
prédicas vazaram do seu coração altivo
voaram de sua garganta diatribes duras
perorou ao Senhor dos Exércitos metafísicos
aos comboios angélicos perorou.

Isaías lançou insultos aos soberanos
e o Senhor gostou, riu das lamúrias dos ímpios
gargalhadas de Javé vararam céus
tornaram-se lendas cósmicas.

A prece (trapo de esperança, súplica de prata)
que Ezequias fecundou Isaías conduziu
aos puros e fortes ouvidos do Senhor
oiças que reluziam como luz derramando-se
da assembleia das estrelas (bacia sublevada
de galáxias), magote de brilhos das sendas de Deus
arremessado no coração escuro do homem).

Javé na rédea dos exércitos da redenção
(cavalos do futuro disparados nas haras do Senhor)
respondendo a rebanho de dúvidas disse
ouro, especiarias, montes de mirra, vastas cideiras
aloés arguto, azeites finos te esperam
povo eleito do Senhor unguido de Sua glória inteira
e futuro farto de alegria, doçura, centeio, abelha, alfaces te espera.
(Enquanto o Senhor em teus olhos morar).

Prédicas de ira, aljava de concílios, buquês de relâmpagos
e coivara sem trégua, catervas de cólera, coleira de estrelas
foram atiradas da boca e dos olhos do Senhor
contra pérfidos incréus heréticos senhores blasfemos
(que vorazes adjetivos não hão de qualificar)
que não mais provarão delícias da terra
que não mais proverá sua sede viva.

DERROTA E FUGA DE SENAQUERIBE

Senaqueribe retorna a Nínive.

Ilesa Jerusalém embala-se com seivas de êxtase, finas volúpias
e sais de estrelas, canções de paz e vitória rubra
como baba derramam-se das bocas fiéis.

Louros eleva ao Senhor
como dardos dispara cânticos de louvor
crédulo amor ao oriente paira.

Senaqueribe foge calcando 150 mil cadáveres assírios
esteiras de corpos atapetam sua fuga, dragam sua dor gargalhadas
(ovos estraçalhados, piras de calcanhares
abrem-se de seus passos, fritando horas).

Destro alfange (invicto, numinoso)
dos anjos de Javé deles apagou
sinistro e perverso sopro
quitou-lhes alento espada de Deus.

A bota do Senhor esmigalhou
rosto derrotado

as fontes da Assíria pereceram
grama titubeante sacro coturno esmagou
como esteira de asfalto a formigas.

(Fostes criados por víboras benevolentes
para despojo, aniquilação dos povos, pó adversário
cinza das vaidades, incêndio dos motivos ímpios.
Áspides rastejaram em tua boca blasfema.

Criei os meus para vossas ruínas
é destino do Meu alfanje teu rosto
derrotado, iníquo, rés ao chão
poeira honrará tua profana garganta
preenhe de vozes submersas no limbo.

Teu único nome pronunciará em vão o futuro.
que escorreu de tua triste veia para o desvão).

Sequiosos de destroços, atento
à fragrância da destruição
narinas empoadas de gritos mártires
esse povo de seqüelas, essa sina nua
não mais ornarão o mundo.

ASSÍRIA PALAVRAS

Reduzí povos a desertos

sarças a cinzas de luz

nações a pó

sopros a esgoto

almas a lama

deuses a gusa

uivos a silêncio úmido

palavras a greda

ouro a ganga pura.

Nem cedros do Líbano poupei

(em grandeza furiosa

e dureza incorrigível)

devastação é o meu nome.

Pó deserto pó, lema

bandeira, desamor ao mundo.

Meu verbo desfaz a luz, grita a poeira.

NOTÍCIA DA MORTE DE SENAQUERIBE

Em incerta manhã da nevoenta Nínive
enquanto adorava Hisroque
Senaqueribe foi morto, cortado, lacerado
pela cimitarra fraterna
dos filhos Adrameleque e Serezer.
Esar-Hadon subiu ao trono covo.

Lâminas filiais são certeiras
controversas, repristinas.

**MENASSÉS CULTIVA A CÓLERA
ENTRE OUTRAS ERVAS DANINHAS**

Menassés (fruto de Ezequias e Hefzabá)
era ímpio, vil irmão do ouro, primo da vesânia.
Idólatras altares bem alto ergueu
pódios para Baal
aras para a ira
aríetes contra ameias do Senhor apontou
suas torres arranharam céus.
Elevou perfumes a títeres narinas.
Rendeu glórias ao iníquo (mais árduo).
Velocinos com mirra teceu e lã ovelha
Cofiou com incréus cruéis
para cobrir vergonha do rosto
e o ímpio ventre das mulheres mascaram
(que seus lábios descobriram
sua língua lavou).

(Cultivou com sedas intestinais
nudez esplêndida da irmã).

Incensos sonâmbulos desfiou
sobre bronze das fronte hereges.
Com lâmpada de pesadelo (luz da carne)
iluminou alma de feras.
Deu poder a objetos. Caluniou a vida.
Horta do Tártaro regou
com paz e abominação.
Cativou a ira do Senhor
messe de vingança ameahou.
Lavoura da cólera esganou o nome
espigas de ultraje governou o mundo.

Para sempre seja arrasado
nunca louvado nome de Menassés.

Sua linhagem seja suprimida
dissolvida da vida, oprimida.

OS FATOS DO FUTURO
(ou pretéritos intestinos)

Sedecias será servo (ermo serviçal do nada).

Imagem de dor cobrirá cada face (ou ano).

O céu ruirá.

Filhos trucidem-se como vermes esmagues.

Olhos abdicarão de ver.

Se satisfarão do escuro.

Cativeiro será bênção.

(Eu te coloquei no fogo como prata

eu te provei do cadinho da aflição.

Como ouro morrerás.

Cobiça permeará o espírito.

Veios de dor aflorarão.

Ganga há de imperar

em teu espírito servo do ouro carnívoro.

1. Pais comeram uvas árduas
dentes do filho embotaram.
2. Eu não sou quem sou
(ou) sou quem não sou (é).
3. Ihwh é Ser.

TABER

Três décadas quadradas
mil côvados de alma
cubo que a cerca
do véu completa guarda
objetos que epifania elege
como ocultos ou terrestres
mesa dos pães ázimos candelabros
a ladrar de luz (cães cegas do tempo segas)
ladainha de cães danados
odes idólatras, salmos culpados
(núpcias de sombras e anjos
sob lua de pipetas, bodas de mercúrio)
fugitivo altar de incensos oprimindo chaminés
fumos da ressurreição alastrando

de círios pálpebras do céu
utensílios usados de oblação fiel
ao destino das sarjetas oferecidos como fezes
de círios as pálpebras do céu.

A aridez penal dos incestos reconhecida.
A pedofilia do espírito camuflada.
A honradez dos sulfatos proclamada.

Esdrúxulas certas exiladas
da agudeza das inverdades.

Menorás atentos
braços das preces arregaçados
sete céus do templo iluminando
sombras de algodão semovente
asas coaguladas de anjos
arrancadas sem perdão.

REVEL

Do ápice deserto sinal de lhwh voa
revela-se o Ser. Aliança fomenta-se
sob cimento inesquecível da Revelação
do tênue parto das quaternidades cria-se
mundos, céus inclinados, pátios transitivos, declives cúbicos
sombras e tonsuras, eitos ambiciosos, silos prenhes.

Da lenta greda luz se alça
céu se alastra, volúpia de Deus aumenta
galáxias são buriladas, universos multiplicados
(como pães ou peixes ázimos)
e expansões edificadas com precisão surda.

Vindos da solidão divina para turvo ermo da alma
grito, sinal alado, liame ágil voo
nuance fugidia, rumor de criatura fundam-se.

VI – IV

Da sarça que fumega e soberba
vi teu rosto arder em mim
descalabro cobrir-me
ímpia miséria sorrir a cães
desatino tomar-me leme da alma.

Pelos horrores do céu a vagar a Morte vi.
Vi a morte vagir de horror da vida.

(E vi Blake sussurrando
a energia é o eterno deleite).

Vi mar da graça invadindo figo demoníaco
fogo da ressurreição incinerar cinza

jazidas de amoníaco urdirem incêndios
nos cotonifícios, nas asas das libélulas
e na palha desprezada do espírito.

RENÚNCIA A MOREST

Renuncia a Morest de Get imortal
torna cruéis casas assírias
deserta como alma do mundo cidade de Aczis.
Receba, povo de Maresa, o Senhor
imenso perpétuo invicto impiedoso
sem vírgulas ou abstratos substantivos
pois os que não O tocam em espírito
temem de corpo, sal e alma.
Rejubilai-vos todos e sinceramente (frágeis filhos)
do Seu torso imerso em prece, morto.
Escol de Israel irá a Adulã
perpetrar a causa, perpetuar o nome.
Prima e nua matéria da mesa deponho
para alma que alimente
esse banquete do corpo
hóstia poluta, hino e culpa.
Aromai as narinas furiosas do Senhor
insípidos servos, criaturas.
pelos sais do poente iluminadas
pelas rosas do nascente aplacadas.

VI – II

Vi mulher escarlate bebendo besta
de seios violetas violando ceia
vi selos blasfemos, ao portador títulos de dor
pregões sem tréguas da alma vender
a preços módicos eternidade, senhora do nome
vi espólio e riqueza enchendo mãos pecaminosas
culpadas de perder o espírito, rio etéreo imortal
em que bebe a vida
vi apólices de morte abrirem-se
e infernais leilões da alma batizarem
o inferno de nossas vidas (trânsito bursátil do ser)
vi debêntures estupradas
papeis do Senhor rasgados como boi
no açougue da ignomínia humana.

Vi erguer-se temerária taça
das últimas abominações
vi lábio envenenado que rasteja
da impura fonte nome embriagado brilhar
vi sangue incrédulo dos testemunhos
fluir como água uivante do esgoto
vi sucumbir espíritos.

Ímpia Babilônia de alma viciada cloaca do mundo adorei.

Vi crescerem a fornicação e o seqüestro
incestos, raptos, adultérios, aventuras tredas vi
pedófilos monstruosos reverendendo a doença
e seus espermas endemoniados triunfando
vi lavar a inocência rios corruptos imóveis como dunas
sem o alento de Éolo
e pulcros crepitarem dentes do insulto.

VI – I

Vi reinarem lascivos pontífices
a libido impor-se a simulacros
e à vergonha sem causa dobrar-se o espírito
e vi o êxtase eclesiástico como pecado brilhando.
Vi capelo do orgulho desmoronar como castelo carteadado
a tonsura cardinalícia do futuro esgotado.

Vi no vazio escuro do céu informe
sem estrela a palmilhar-me olhos
ou luzes de satélites gotejarem
(tohu wabohu) nome vazar chão
pureza balir como ovelhinha tenra assustada
como orvalho estrela líquida
brilhar do naufrago olhar
engastada na relva, drapejando reflexos
quando sol lance séquito de setas no chão da treva.

Vi o Senhor bebendo a dor
em goles apocalípticos, hurras elevando
à derrota humana.
Vi horda de lascívia rodear o arrebol
vi tráfico de maçãs do umbral do paraíso
hostes do delírio cercando a palavra
fiat que da boca de Deus escapa
para páginas do poema.

VI – VI

Do evento numinoso, sangrenta
orgia do destino que exasperado Deus dita
desdita amontoada das vidas
vítima perfeita, arquetípica
sem escolho ou mácula abatida
sangue libado em retorta curva
derramada oferta víbora
lábios do vil profeta avermelha
corre como carneiro da montanha
(sobre pedras de Assã salta como lince)
carne cremada
cinza adiposa a céu entregue
(que não nos olha ou protege)
escancarada vicia
holocausto casual ao sal delicia
ígneia comunhão de carnes repara
solitários pecados
bênçãos do âmbito da tempestade anuncias
sobre opulenta dor humana
tréguas são abatidas.

(Sobre a libido derramar-se trégua eu vi).

ABOMINAÇÕES DE MENASSÉS

(eis a dor de ser vão)

Às infidelidades (caninas) de Israel
às abominações cremosas de Menassés
(que tanto pecou quanto amorreus)
a ídolos pecadores que me detratam
respondo, ergo grito da desgraça
a mutilar ouvidos, surdos corações endurecer
espólios darei a cães
carcaças a corvos da vida
ao mundo darei tremor e temor
legados bélicos deixarei à raça
(de víboras que brotaram de Adão e Eva
ventre de dano e pecado)
heranças inóspitas destinarei aos dias
aos frutos o abandono

aos costumes escuros adicionarei a dor
inventários mortos arrolarei ao pó
precipícios edificarei a teus pés áridos
partilhas de tremor abrirei na carne
temor desencadearei na alma
certidões lavrarei na espádua do condado
balanços do destino fraudarei
porque assim humanidade exige
assim caminha séquito do Senhor (terrível lei do ônfalo).
é a lei do ônfalo terrível.

Eis fruto da escolha de Deus
sina de escombro branco
restos de sátiros decapitados
incomensuráveis cacos do vaso eleito
eis margem úmida que se apaga com erro.